

Escrito na pedra: Cor, forma e movimento nos registros rupestres da Bahia.

Carlos Etchevarne. Prêmio Clarival do Prado Valladares - 2007. Fundação Odebrecht, Rio de Janeiro: Versail, 2007, 312, pag.,il.

RESENHA de Gabriela Martin

Em memória de Júlio C. M. de Oliveira, *alma mater* da obra, a partir do projeto inicial “Projeto Homem e Natureza nas representações rupestres da Bahia”.

Pago com a resenha do livro de Carlos Etchevarne uma dívida que já deveria ter pago faz algum tempo. Tinha essa dívida em primeiro lugar com o autor da obra e, em segundo, comigo mesma. Com Etchevarne porque nada mais grato que resenhar a obra de um amigo e pesquisador da sua categoria e comigo mesma porque me adjudiquei essa obrigação desde o momento em que abri as primeiras páginas do livro.

“*Escrito na Pedra. Cor, Forma e Movimento nos Grafismos Rupestres da Bahia*” é, sem dúvida, uma obra singular. Ao longo das suas 312 páginas e suas inúmeras ilustrações, com belíssimas fotografias, nos deparamos com um mundo desconhecido, inclusive para muitos arqueólogos que pensávamos conhecer, suficientemente, a arte rupestre do Nordeste do Brasil. Por antigas publicações conhecíamos, ou pensávamos que conhecíamos, parte do acervo rupestre da Bahia. Todos sabem das dificuldades de se publicar repertórios completos de arte rupestre; são especialmente dificuldades técnicas, por não falar das econômicas, mas que, aos poucos, começam a serem salvas pelas modernas tecnologias. Referências, notícias, algumas monografias, dissertações e teses, lamentavelmente pouco divulgadas, nos deram, as vezes, um pálido reflexo do que havia ou ainda poderia haver, na arte rupestre de uma região tão imensa e diversa como é o estado da Bahia e seus sertões intermináveis.

O livro de Etchevarne é belo, assim de entrada, mas não é só isso, porque o texto é tão belo como a obra gráfica, esta última escolhida tão cuidadosamente quanto as palavras, o que demonstra uma particular sensibilidade na hora de escolhê-las. Dificilmente um livro de pesquisa científica retratou tão bem o autor. Etchevarne no se aventura, na sua obra, em interpretações espúrias e inúteis do significado dos registros rupestres pré-históricos. Desde o ponto de vista interpretativo, o autor, mostra-se extremamente cauteloso nos seus juízos de valor, como, aliás, convém a uma pesquisa sobre um mundo simbólico riquíssimo, pero cujo conteúdo está perdido para sempre.

O conceito de fronteiras gráficas que, vários pesquisadores temos também adotado, está indicado na obra. Os limites e significados dessas fronteiras seriam políticas, culturais, territoriais ou cronológicas? É a difícil escolha que, por conjetural, o autor deixa pairar no ar.

O livro de Etchevarne não é apenas um simples catálogo exaustivo dos registros rupestres da Bahia, o que já seria suficiente para ganhar o merecido e disputado prêmio “Clarival do Prado Valladares”, dado o esforço hercúleo que semelhante empreitada significou. Mas, “Escrito na Pedra” é muito mais que isso. Os capítulos em que o livro está dividido assim como a linguagem, quase poética às vezes, dão um toque especial à obra. Começando pelo capítulo “A arte de representar”, as partes do livro vão fluindo em capítulos amenos. “Dos primeiros olhares às novas percepções” nos informa dos viajantes, cientistas aventureiros e curiosos que recolheram as primeiras notícias sobre a arte rupestre da Bahia, assim como os colonizadores do primeiro século que olharam as gravuras e pinturas embora sem as discernir. Discorre sobre os trabalhos realizados pelos vários autores sem esquecer ninguém comentando, quando existe, a posição teórica de cada um.

No capítulo, “Bahia, cenário de experiências pictóricas”, o autor comenta a relação Homem versus Natureza abordando, eruditamente, as dinâmicas sociais que os diversos grupos indígenas escolheram nas suas estratégias de sobrevivência, na reciprocidade entre as sociedades humanas e o meio natural. Excelentes fotografias da paisagem interiorana baiana ilustram esse capítulo.

“Chaves para uma leitura” é principalmente um capítulo técnico, onde se explica detalhadamente a relação entre obras pintadas ou gravadas com o suporte rochoso, as tintas, as cores, os pinceis, as formas de representar a figura humana e o mundo animal. “Folhas, galhos e frutos” nos adentra num universo fitomórfico imaginário, assim como “pontos linhas e planos” nos mostra as categorias mais enigmáticas do registro rupestre. No capítulo, “Monumentos rupestres, um legado indígena”, o autor devolve esse acervo ímpar aos seus legítimos autores: os indígenas brasileiros. As imagens, nesse capítulo, são impressionantes, tanto pela beleza dos sítios como pela riqueza e variedade dos grafismos representados. Destaca-se no conjunto o sítio Santa Marta com desenhos de mais de 350 mãos carimbadas nas paredes da rocha. Acompanha a relação dos 110 sítios registrados com pinturas, um croqui da estrutura de cada sítio relacionado ao tamanho da figura humana.



Um glossário, as notas do texto e a bibliografia encerram o livro de Carlos Etchevarne que, escrita em português, é apresentada também em inglês. A obra completa-se ainda com um caderno didático intitulado “A leitura dos tempos: a Pedra da Figura” no qual através de transparências, podem-se apreciar nitidamente as superposições de pinturas nos painéis rupestres.

“*Escrito na Pedra*” é a mais recente grande monografia sobre arte rupestre de uma região do Brasil. O ciclo foi iniciado pela obra de Anne-Marie Pessis “*Imagens da Pré-história*”, livro dedicado às pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara, no Piauí, seguido da monografia, “*Arte Rupestre da Amazônia*” de Edithe Pereira. Regiões e províncias rupestres já bem conhecidas e outras pouco ou nunca estudadas, aguardam o trabalho de outros pesquisadores que, com a mesma dedicação de Carlos Etchevarne, nos permita conhecer o imenso acervo rupestre brasileiro.

Gabriela Martin

Programa de Pós Graduação em Arqueologia – UFPE
gmarvila@terra.com.br